



AS CONTRIBUIÇÕES DA ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM CAMINHO A SER PERCORRIDO

THE CONTRIBUTIONS OF ROUTINE IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: A
ROAD TO BE TRAVELED

Rosilda Lopes Pereira Ribeiro¹
Igor Gonzaga Lopes²
Eliézer Reis Vicente³

RESUMO: A Educação Infantil é uma etapa de grande importância na vida de uma criança, sendo que os profissionais frente a esse processo precisam possuir qualificação para atender suas necessidades e especificidades, e construir rotinas é algo fundamental para que as crianças desenvolvam hábitos e tenham experiências que auxiliem em sua aprendizagem e desenvolvimento. As rotinas devem envolver situações do cuidar e educar e baseiam-se nos objetivos traçados para essa etapa da educação. Esse artigo objetiva discutir as contribuições das rotinas para as crianças da educação infantil. A metodologia utilizada em sua elaboração foi a revisão bibliográfica baseada nas obras de Ribeiro e Batista (2016) e Barbosa (2006). Os resultados apresentados revelam que as rotinas devem ser propostas flexíveis, porém, em muitas situações precisam ser, também universais e padronizadas, auxiliando a criança a aprender normas, a ter horários para alimentação, higiene, sono, assim como para atividades ligadas ao educar. Essas rotinas auxiliam as crianças a ter organização, segurança, assim como a construir sua autonomia e devem ser pensadas e elaboradas por professores que conhecem as necessidades e especificidades desse público.

Palavras-chave: Escola; Rotina; Educação Infantil; Professor; Crianças.

ABSTRACT: Early childhood education is a very important stage in a child's life, and the professionals involved in this process need to be qualified to meet their needs and specificities, and building routines is fundamental for children to develop habits and have experiences that help their learning and development. Routines should involve care and education situations and be based on the objectives set for this stage of education. This article aims to discuss the contributions of routines for children in early childhood education. The methodology used was a literature review based on the works of Ribeiro and Batista (2016) and Barbosa (2006). The results show that routines should be flexible, but in many situations, they also need to be universal and standardized, helping children to learn norms, to have schedules for eating, hygiene and sleeping, as well as for activities related to education. These routines help children to be organized and safe, as well as to build their autonomy, and should be designed and drawn up by teachers who know the needs and specificities of this audience.

Keywords: School; Routine; Early Childhood Education; Teacher; Children.

¹ Rosilda Lopes Pereira Ribeiro, Graduada em pedagogia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano - Urutaí, rosildalopes445@gmail.com

² Igor Gonzaga Lopes, Doutorando em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Goiás, igorgonzaga1@hotmail.com

³ Eliézer Reis Vicente, Doutorando em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Goiás, eliezervicente@gmail.com



INTRODUÇÃO

A organização do tempo é algo presente e importante na vida de todas as pessoas e no caso específico das crianças, uma rotina bem organizada auxilia em sua aprendizagem e desenvolvimento. A construção das rotinas na vida das crianças é função tanto dos pais como das instituições de educação infantil, onde a gestão pedagógica precisa estabelecer um cronograma que possibilite a construção do aprendizado, os cuidados e a construção da autonomia das crianças, garantindo as elas, segurança e saúde dentro do espaço escolar Barbosa (2006). Nessa perspectiva, as autoras Ribeiro e Batista (2016) afirmam que na idade escolar a criança irá formar sua personalidade, desenvolver seu caráter, interagir com diferentes pessoas e espaços e as rotinas são importantes para que ela aprenda a conviver com outras pessoas, a ter horário para as diferentes atividades, a compreender espaços e grupos sociais diferenciados e como cada um deles, tem suas próprias regras.

Diante de tal contexto, o interesse por esse tema de pesquisa surgiu diante de algumas inquietações que compõem a problemática dessa pesquisa, uma vez que percebemos através da observação de que a Educação Infantil precisa ser planejada e estruturada de forma a oferecer experiências e conhecimentos diferenciados as crianças, auxiliando-as em sua aprendizagem e desenvolvimento e por isto, é uma etapa do ensino que valoriza a construção de rotinas que envolvam o cuidar e o educar. Dessa forma, a pesquisa se torna relevante ao demonstrar uma possibilidade pessoal de compreender de forma mais aprofundada como são construídas tais rotinas e de que forma elas são importantes para a aprendizagem e desenvolvimento infantil.

Contudo, compreender a importância da rotina para as crianças na Educação Infantil a fim de contribuir para o desenvolvimento global da criança de forma lúdica, significativa e ativa se torna o objetivo central dessa pesquisa. Para isto, pretende-se definir o que são as rotinas e como elas são colocadas em prática dentro das instituições de ensino, contextualizar a educação infantil com seus principais objetivos e analisar a importância dessas dentro dessa etapa do ensino.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção estão expostos os conceitos e a contextualização em torno da temática, sendo contemplados nos tópicos: Conceituando e contextualizando a educação infantil; A BNCC e a educação infantil. Destaca-se que tais tópicos são fundamentais para compreender o contexto e a fundamentação teórica da pesquisa, além dos caminhos trilhados.

Conceituando e contextualizando a Educação Infantil

A educação infantil passou por muitas mudanças ao longo do tempo e suas características há séculos atrás eram bem diferenciadas daquelas encontradas na atualidade. De acordo com Freitas (2019), vários foram os acontecimentos que



influenciaram e caracterizaram a educação infantil ao longo do tempo. O autor cita que, inicialmente, na Europa, foi a passagem do feudalismo para o capitalismo que impactou a sociedade e tornou necessária a construção de instituições de ensino destinadas as crianças, isto porque as mulheres tiveram acesso ao mercado de trabalho e precisavam de pessoas que pudessem cuidar e educar seus filhos. Ainda de acordo com o autor,

surge a necessidade da existência de um local para deixar seus filhos para que a mãe de família possa ingressar no mercado de trabalho. Com a extrema necessidade de um local que atendesse os filhos das mães operárias, algumas mulheres conhecidas como mães mercenárias vendiam seus serviços para abrigarem e cuidarem dos filhos de outras mulheres ao invés de trabalharem nas fábricas. Mas, estas não eram suficientes para atender a todas as crianças e provavelmente nem todas as mães tinham condições de pagar as mães mercenárias (Freitas, 2019, p.11).

Aos poucos, os pais começam a participar de forma mais efetiva das fábricas, fundições, minas de carvão, etc. E com isto, surgem diferentes tipos de arranjos formais com serviços destinados a atender crianças. Na maioria dos casos, eram as mulheres da própria comunidade que faziam esse serviço. Mas, o crescimento do mercado de trabalho exigiu a formalização do atendimento das crianças que não tinham instrução e espaços voltados para tal função começaram a ser criados. Foi assim que, de acordo com Freitas (2019) surgiram as primeiras instituições na Europa e nos Estados Unidos, tendo como objetivo cuidar e proteger as crianças, filhas de mães que saíam para trabalhar. Surgiram escolas, creches, maternais e jardins de infância, inicialmente, com o objetivo assistencialista, tendo como objetivo, promover a guarda, higiene, alimentação e os cuidados físicos para as crianças.

Aos poucos surgiram as instituições que promoviam ações para além do assistencialismo, preocupando-se, também, com os fatores pedagógicos e um dos destaques foi o Jardim de Infância criado por Froebel de 1837, considerado como o primeiro ambiente destinado a educação de crianças de zero a seis anos fora do lar, orientando suas práticas para os interesses e necessidades da criança, trabalhando a cooperação, o lúdico e a liberdade Carvalho (2010). Por conseguinte, Froebel foi responsável por uma verdadeira revolução na educação infantil, ao propor práticas que iam além daquilo encontrado nas escolas tradicionais. Segundo Freitas (2009),

A partir da segunda metade do século XIX, o quadro das instituições destinadas à primeira infância era formado basicamente da creche e do jardim de infância ao lado de outras modalidades educacionais, que foram absorvidas como modelos em diferentes países (Freitas, 2009, p. 13).

Há de se considerar, que o atendimento educacional de crianças foi diferente em cada país no mundo, já que cada um teve suas próprias influências e realidades. No Brasil, por exemplo, Paschoal e Machado (2009) cita que as primeiras creches, asilos e orfanatos surgiram, também, com cunho assistencialista, principalmente para auxiliar mulheres que trabalhavam fora, assim como as viúvas desamparadas. Segundo Paschoal e Machado



(2009),

Outro elemento que contribuiu para o surgimento dessas instituições foram as iniciativas de acolhimento a os órfãos abandonados que, apesar do apoio da alta sociedade, tinham como finalidade esconder a vergonha da mãe solteira, já que as crianças [...] eram sempre filhos de mulheres da corte, pois somente essas tinham do que se envergonhar e motivo para se descartar do filho indesejado (Paschoal e Machado, 2009, p. 37).

Surgiu o que ficou conhecido como “Roda dos Expostos” ou “Roda dos Enjeitados”, um local onde as crianças eram abandonadas, até mesmo por mulheres da alta corte que haviam engravidado sendo solteiras. Com o desenvolvimento fabril iniciado na década de 1930, o movimento operário também reivindicadas instituições para cuidado e educação das crianças e aos poucos foram surgindo os primeiros jardins de infância como, por exemplo, o que surgiu em Belo Horizonte, em 1908.

Nas décadas posteriores, as instituições destinadas à educação infantil proliferaram-se e na década de 1970, o movimento tinha como reivindicação uma creche mais afirmativa, porém, foi na década de 1980, especialmente com a promulgação da Constituição de 1988, que se passou-se a tratar a educação infantil de forma diferenciada, principalmente colocando a criança como um sujeito de direitos Freitas (2019).

De acordo com Kramer (2006) “pela primeira vez na história da educação brasileira foi formulada uma política nacional de Educação Infantil, processo desencadeado com a Constituição de 1988 [...]”. Assim, legitimou-se a Educação Infantil, reconhecendo-a como um direito fundamental da criança. No art. 208 desse documento, trata-se de tratar a educação infantil como um dever da família e do Estado que deve garantir creche e pré-escola as crianças de até 5 anos de idade.

Há de se destacar ainda nesse percurso, o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, que reconheceu vários direitos infantis, inclusive, o da educação e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9394 de 20 de novembro de 1996 – LDB) que garantiu a essa etapa do ensino maior importância social, propondo ainda uma educação que complemente a educação da família e comunidade Freitas (2019). Tais documentos fortaleceram o que é a Educação Infantil, trazendo propostas, direitos, enfatizando a importância da formação docente e da construção de espaços e rotinas que respeitem as particularidades desse público.

A BNCC e Educação Infantil

A criança é considerada, atualmente, como um ser ativo, onde ela brinca, aprende, se expressa de formas diferenciadas tanto no espaço escolar, como fora dele. Tais ações e experiências devem fazer parte do conhecimento escolar infantil, abordado dentro das propostas curriculares e a partir das mesmas, possibilitar situações diferenciadas onde a criança consiga desenvolver-se de forma integral. Segundo Bem e Sousa (2020),



Sabemos que a criança é o centro do planejamento curricular, ou seja, é sujeito de direitos que, nas interações e relações vivenciadas no cotidiano escolar, constroem sua identidade, pessoal e coletiva, através das brincadeiras, imaginação, fantasia. Assim posto, é importante considerar que no decorrer da socialização da criança com todos que lhe cercam devem ser consideradas suas especificidades e seu modo de viver e pensar (Bem e Sousa, 2020, p. 01).

Nesse percurso de construção e fortalecimento da Educação Infantil, a Constituição de 1988 é um dos documentos de maior destaque pelas contribuições valiosas que trouxe na de direitos das crianças. Destaca-se ainda a DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, onde são estabelecidos princípios éticos, políticos e estéticos e ainda a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), onde são definidos seis direitos de aprendizagem que devem ser assegurados a todas as crianças: conviver, brincar, participar, explorar, comunicar e conhecer-se e todas elas estão ligadas as rotinas da educação infantil (Bem e Souza, 2020).

A BNCC também define os campos de experiência e aprendizagem que precisam fazer parte do contexto educativo, colocando a criança como alguém que é sujeito de direitos e entre esses direitos está a aprendizagem e desenvolvimento. Assim sendo, o documento define:

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das massas (BNCC, BRASIL, 2017, p.35).

Acredita-se que os direitos envolvidos com a aprendizagem sejam de fundamental importância para que a criança possa alcançar seu pleno desenvolvimento, construindo diferentes significados sobre si, aprendendo a conhecer melhor o outro e o mundo do qual faz parte. A criança aprende ainda a conhecer e utilizar diferentes tipos de linguagem, tanto em casa como no âmbito escolar, sendo produto e produtora da história e da cultura. Nessa realidade, a BNCC traz respaldo para aquilo que é definido dentro da DNCEI, propondo um currículo para a Educação Infantil que possibilite diferentes experiências as crianças, baseando-se em cinco campos principais: o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. São campos que precisam fazer parte das práticas cotidianas da educação infantil, envolvendo diferentes linguagens, experiências, conhecimentos naturais e sociais da criança, envolvidos, por isto, com as rotinas criadas para educação infantil (Bem e Sousa, 2020).

A BNCC foi promulgada e ainda hoje é considerada como um documento polêmico, isto porque sugere o estabelecimento de uma unidade curricular em contextos educacionais que são plurais e diversificados e que, por isto, são considerados como complexos diante das diferenças socioculturais, políticas e econômicas que apresentam Barbosa, Martins e Mello (2019). O documento traz determinações claras sobre o que



deve ser ensinado, as práticas a serem utilizadas, assim como as maneiras de avaliação, o que, para muitos autores pode ser visto de forma negativa.

A BNCC, porém, tem como objetivo nortear práticas curriculares de toda a Educação Básica e de acordo com Brasil (2017) busca diminuir as desigualdades sociais existentes entre os alunos dentro da educação nacional, definindo o que deve ser ensinado em todos os lugares, nos diferentes níveis de ensino. Assim como aconteceu com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI) e Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI), onde também havia orientações e diretrizes para a elaboração do currículo escolar, a BNCC tem caráter mais diretivo e conteudista, porém, nada impede que os professores diversifiquem esse currículo e insiram nos mesmos temas que fazem parte da realidade sociocultural de cada localidade. O documento, de acordo com Mello (2016) ainda contém avanços como a concepção de criança, organização curricular, trata de questões como corpo/movimento e jogo/brincadeira.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada na pesquisa foi a revisão bibliográfica, que se baseia em leituras bibliográficas acerca da rotina na educação infantil. Para ampliar os conhecimentos teóricos sobre o mesmo, este estudo delimita-se investigar (ler) artigos científicos publicados em sites acadêmicos e revistas online, além de livros que discutem o tema da pesquisa. De acordo com Gil (2002, p. 65) “embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas [...]”. Assim, a partir das discussões já realizadas por diferentes autores, busca-se compreender melhor tal questão, classificando-se, também como uma pesquisa básica ou pura, já que não é seu objetivo aplicá-la e “busca o progresso da ciência, procura desenvolver os conhecimentos científicos sem a preocupação direta com suas aplicações e consequências práticas” (Gil, 2002, p. 43). Pode-se definir a pesquisa ainda como descritiva, já que para o autor seu objetivo é descrever o que são as rotinas, como são aplicadas na educação infantil e os resultados desse processo.

Triviños (1987) classifica esse tipo de pesquisa como descritiva, uma vez que “o estudo descritivo pretende descrever “com exatidão” os fatos e fenômenos de determinada realidade”, e assim, descreve como as rotinas são utilizadas dentro da educação infantil e como elas são importantes ao desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

Segundo Gamboa (2006) as referências utilizadas em uma pesquisa, as bibliografias consultadas são uma preparação do pesquisador para entrar em contato com a problemática pesquisada, fornecendo ao mesmos informações que permitirão que novas análises possam ser feitas, posteriormente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A palavra “rotina” de acordo com Ribeiro e Batista (2016) é uma palavra de



origem francesa, que deriva de “routine”, que significa “caminho a ser trilhado”, “hábito de fazer alguma coisa sempre da mesma forma”, etc. Para o autor, o significado mais apropriado para o termo é uma sequência de instruções ou etapas necessárias para que uma tarefa ou atividade possam ser realizadas. A rotina é, portanto, uma prática de estruturação básica das diferentes atividades que o homem realiza no seu dia a dia, estendendo-se, também, para o espaço educacional. Para Barbosa (2006):

É também a sequência de diferentes atividades que acontecem no dia-a-dia da creche e é esta sequência que vai possibilitar que a criança se oriente na relação tempo-espaço e se desenvolva. Uma rotina adequada é um instrumento construtivo para a criança, pois permite que ela estruture sua independência e autonomia, além de estimular a sua socialização (Barbosa, 2006, p. 37).

Na educação, as rotinas envolvem questões diferenciadas dentro das jornadas diárias da criança desde o momento em que chegam à instituição de ensino, até sua alimentação, higiene, repouso, brincadeiras e as várias metodologias que são utilizadas pelos profissionais. Nessa realidade, Barbosa (2006) afirma que o processo de organização das atividades que fazem parte das rotinas escolas das crianças, deve levar em consideração suas necessidades biológicas, que envolvem o processo de repouso, alimentação, higiene, tudo baseado na faixa etária da criança; as necessidades psicológicas, já que cada criança tem seu próprio ritmo e tempo, de aprendizagem e desenvolvimento; as necessidades sociais e históricas, que envolvem a cultura e o estilo de vida de cada aluno.

Barbosa (2006) considera que questões ligadas à saúde, ao bem estar físico e psicológico precisam fazer parte da educação infantil e das rotinas das crianças, o que faz com que seja necessário que as escolas e creches executem normas que sejam voltadas, diretamente, para tais quesitos, contribuindo para que haja o sucesso dessas rotinas e que o cuidar e o educar efetivem-se no espaço dessas instituições.

Freire (1998) também chama a atenção para as rotinas na jornada diária da criança dentro da instituição educacional e como estas são capazes de promover seu desenvolvimento integral. Assim, assevera que,

A rotina estrutura o tempo (história), o espaço (geografia) e as atividades, onde os conteúdos são estudados. A criança, para construir o conceito de tempo, percorre um longo processo. Inicialmente concebe o tempo, não como uma continuidade de acontecimentos, atividades, constituindo um todo, mas somente vê partes, não consegue articular parte/todo sincronizadamente, mediada pela rotina localiza-se no tempo, no espaço e nas atividades. É neste sentido que a rotina é alicerce básico para que o grupo construa seus vínculos, estruture seus compromissos, cumpra suas tarefas, assuma suas responsabilidades para que a construção do conhecimento possa acontecer (Freire, 1998, p. 38).

Para que tais rotinas tenham sucesso, é preciso tratar a criança como um ser social,



cultural e histórico, como pessoas que são diferentes umas das outras, que tem suas próprias necessidades e assim, organizar espaço e tempo de forma que as diferentes dimensões da via humana também sejam consideradas. Assim, segundo Brasil (1998) “a rotina é considerada pelo Referencial Curricular para Educação Infantil como instrumento de dinamização nas diversas dimensões da vida humana”. E por isto, essa rotina não deve ser vista como um procedimento repetitivo a ser adotado pelo professor, mas como algo necessário para que haja segurança para a criança e que, também, tem conotação pedagógica, Brasil (1998).

Ribeiro e Batista (2016) considera que é importante que sejam executadas atividades dirigidas, de forma que o professor chame a atenção para eventos diferenciados, envolvendo atividades lúdicas, emocionais, psicológicas, de forma que a criança tenha liberdade de demonstrar sua capacidade de ação, possa expressar seus sentimentos e aos poucos, ir ganhando sua autonomia. Sobre esse tipo de atividade, o autor aponta que,

As atividades livres são muito importantes no desenvolvimento do ensino infantil, e precisam estar inseridas no cotidiano das atividades em sala de aula e extra-sala. Sendo necessária a organização dos espaços e dos momentos em que as crianças irão desenvolver as atividades livremente (Ribeiro e Batista, 2016, p.38).

Atividades do cotidiano precisam ser desempenhadas todos os dias pela criança, o que não envolve fazer do ambiente escolar algo rotineiro ou repetitivo, onde tudo é feito de forma rígida e inflexível, ao contrário, é possível adequar as atividades habituais as características dos alunos e suas necessidades, assim como de cada educador. As rotinas precisam ser planejadas, pensadas e também modificadas sempre que houve necessidades, assim como afirma Barbosa (2006) ao considerar que:

A rotina é compreendida como uma categoria pedagógica da Educação Infantil que opera como uma estrutura básica organizadora da vida cotidiana diária em certo tipo de espaço social, creches ou pré-escola. Devem fazer parte da rotina todas as atividades recorrentes ou reiterativas na vida cotidiana coletiva, mas nem por isso precisam ser repetitivas (Barbosa, 2006, p. 201).

Assim, pode-se afirmar que a rotina seja do desenvolvimento prático do planejamento da educação infantil, devendo, por isto, ser tratado como um instrumento que auxilia no desenvolvimento e na aprendizagem da criança, de forma que com o passar do tempo, ela se torne mais autônoma, socializável e independente. Dentro da educação infantil o processo de planejamento das rotinas é essencial ao sucesso dessas etapas da educação, pois é uma maneira do educador prever momentos diferenciados, com as várias atividades que podem compor essas rotinas, o uso de jogos, brincadeiras, atividades que trabalhem a questão motora, exploração de diferentes objetos pedagógicos, contação de histórias, uso de música, dentre inúmeras outras possibilidades. Sobre isto, o RCNEI (1998) considera que cabe ao “professor planejar uma sequência de atividades que possibilite uma aprendizagem significativa para as crianças, nas quais elas possam



reconhecer os limites de seus conhecimentos, ampliá-los e/ou reformulá-los”.

A construção do espaço da educação infantil deve ser feita, segundo Ribeiro e Batista (2016) levando em consideração o cuidar e o educar, onde as crianças tenham acesso a uma aprendizagem que seja adequada às suas necessidades, onde possam relacionar-se com outras crianças e adultos. Essa relação com o outro e, especialmente, com o adulto, auxilia a criança a explorar o meio, a ter maior segurança no conhecimento do ambiente e assim,

A organização do tempo deve prever possibilidades diversas e muitas vezes simultâneas de atividades, como atividades mais ou menos movimentadas, individuais ou em grupos, com maior ou menor grau de concentração; de repouso, alimentação e higiene; atividades referentes aos diferentes eixos de trabalho (Ribeiro e Batista, 2016, p.73)

Ainda há a ênfase para como as rotinas precisam levar a criança a ter experiências onde desenvolva sua imaginação, criatividade, tenha contato com o mundo da leitura, escrita, mesmo que ainda não saiba ler. As rotinas, a organização do tempo e do espaço, permitem que o professor desenvolva as aulas com maior confiança e autonomia, já que aulas desorganizadas não alcançam bons resultados e podem afetar o processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil. Por isto, Ribeiro e Batista (2016) cita que é preciso construir rotinas flexíveis, dinâmicas e que possam ser adaptadas às diferentes situações do dia a dia da criança. Enfatiza-se, assim, como o planejamento é algo importante na educação infantil e indispensável ao cotidiano dessa educação.

Barbosa (2006) considera que é preciso investir em espaços bem organizados, que sejam atrativos às crianças, que possuam materiais adequados às suas necessidades e que assim possam contribuir com seu desenvolvimento. Para a autora:

Dar-se conta do que há de educativo, de cuidados e de socialização nas atividades, nas conversas, nos atos que são realizados com as crianças. O quanto é importante ver e escutar o que há de alegria, de imprevisto, de inusitado, de animação no convívio cotidiano. Enfim, o professor precisa entender que as suas ações, da organização do ambiente à solicitação de atividades, bem como os comportamentos e materiais oferecidos, têm repercussões no ato educativo (Barbosa, 2006, p. 224).

Por isto, é preciso que os profissionais da educação infantil sejam conhecedores da infância e das necessidades das crianças, que planeje os espaços de acordo com suas especificidades, oferecendo rotinas que sejam compostas de diferentes tipos de experiências e que estas auxiliem a criança a se tornar autônoma, a desenvolver-se física e cognitivamente, da melhor forma possível.

Quando se fala em rotinas, Barbosa (2006) considera que esta é “uma categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições da educação infantil”, envolvendo assim, situações diferenciadas dentro da escola que vão desde horários, as sequências das ações, o planejamento, entre outras questões. As discussões em torno de tal questão demonstram-se importantes já que as rotinas envolvem o cuidar e o educar, objetivos



básicos da educação infantil.

As rotinas são compostas por “horários”, estes que de acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação infantil (RCNEI) tem ligação com a organização do tempo pedagógico na educação infantil. Tal organização precisa ser algo dinâmico, e se baseia nos conhecimentos que o professor tem sobre a infância, a criança, suas diferentes necessidades, as relações sociais que ela precisa desenvolver como configurar o espaço escolar, ou seja, as experiências que ela precisa desenvolver nesse ambiente. Esse processo baseia-se em um planejamento que precisa ser flexível, pois deve envolver tanto o cuidado como a educação e assim Brasil (1998, p. 54), diz que, “a rotina representa, também, a estrutura sobre a qual será organizado o tempo didático, ou seja, o tempo de trabalho educativo realizado com as crianças. A rotina deve envolver os cuidados, as brincadeiras e a situações de aprendizagens orientadas”.

Ao elaborar as rotinas é preciso que o educador leve em consideração os diferentes tipos de atividades que precisam ser desenvolvidas, de forma a atender as necessidades básicas da criança, proporcionando a ela diferentes tipos de atividades onde haja o estímulo físico, cognitivo e social, proporcionando assim, seu desenvolvimento integral.

A construção de rotinas ou sequências das ações são, para Barbosa (2006) importantes para que a criança cresça sabendo seguir normas, a ter horários definidos, é por isto a importância de um ambiente escolar organizado, que ofereça a criança atividades que serão realizadas diariamente e que baseiam-se nas necessidades e particularidades dessas crianças. Para tanto, o professor precisa saber quais atividades irá desenvolver, as brincadeiras utilizadas, os conteúdos a serem ensinados, entre outras questões.

Há diferentes tipos de rotinas, tudo dependendo da instituição em que estão sendo colocadas em prática e as rotinas são compostas de atividades diferenciadas desde ligadas a cuidados como alimentação, higiene, como uso de brincadeiras, jogos, músicas, entre outras atividades que permitem o desenvolvimento da aprendizagem das crianças. Barbosa (2006) considera que as rotinas quando elaboradas para crianças devem ser flexíveis e repensadas sempre que não estiverem obtendo os resultados necessários. Além disto, não podem ser rotinas difíceis de ser seguidas, devendo ser claras a compreensão da criança, de forma que ela aprenda a seguir horários, a realizar atividades, ganhando autonomia, e aprendendo a seguir as regras existentes na escola.

Ainda de acordo com Barbosa (2006) é interessante que os professores abram oportunidades para que as crianças participem da organização das rotinas da sala de aula, pois assim, seria possível obter mais sucesso com esse processo. Isto quer dizer que quando a criança tem a oportunidade de participar da construção de rotinas, que as diversidades são melhor consideradas e assim, as particularidades de cada uma delas são levadas em consideração, podendo-se assim obter resultados muito mais efetivos diante destas crianças.

Outra questão que se mostra um desafio para o professor é construir um ambiente de aprendizagem e desenvolvimento que seja adequado a criança, que ainda promova liberdade e autonomia ao mesmo, sendo estimulante e motivador. Para Barbosa (2006) o ambiente da educação infantil e deve ser pensado de acordo com as características do público ao qual irá atender, já que “a importância do espaço na educação das crianças



pequenas é ampliada quando se leva em consideração a jornada diária (que pode variar de uma instituição para outra) nesses lugares é, muitas vezes, equivalente ao seu horário de vigília” Barbosa (2006).

Ainda Segundo Barbosa (2006) quando se observa a organização de um espaço escolar é possível compreender as concepções pedagógicas adotadas pela instituição, já que desenhos, ornamentos, mobiliário, entre outras questões são influenciados pela forma de ensino adotada. De acordo com Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei n. 9.394/96 a Educação Básica deve garantir que a criança tenha desenvolvimento físico, psicológico, intelectual e social e a organização do ambiente da escola influencia nos resultados a serem alcançados.

Na organização do ambiente é preciso que o professor preocupe-se com questões como higiene e segurança, a construção de um lugar acolhedor e significativo aos olhos dos pequenos, de maneira que eles se identifiquem com esses espaços. O trabalho coletivo e a troca de experiências entre os professores pode ser algo bastante interessante nesse processo. Ou seja, uma sala de aula poderá ser modificada de forma constante, tendo em sua disposição tanto elementos transitórios como os permanentes. Além disso, os planejamentos do espaço da sala de aula e da escola como um todo são importantes para o sucesso do trabalho de toda a instituição e por isto dev ser pensados e construídos de forma coletiva, com a participação de educadores, coordenadores pedagógicos, gestão, enfim, de todos que possam contribuir positivamente para esse processo, garantindo a criança um lugar onde haja a possibilidade de desenvolvimento de diferentes aprendizagens (Ribeiro e Batista, 2016).

Se é o professor que está em contato direto com os alunos, deve ser ele também que auxilia no planejamento das rotinas e do espaço escolar, já que ele deve levar em consideração as características dos alunos, o que eles precisam aprender, as habilidades e competências a serem desenvolvidas, enfim, o que é preciso proporcionar as crianças de forma que desenvolvam diferentes tipos de aprendizagem e experiências educativas.

Ainda de acordo com Barbosa (2006), a imposição das rotinas, porém, pode ser algo maléfico para a educação, ou seja, elas devem ser algo flexível, maleável, de forma que sejam construídas e adaptadas de acordo com as necessidades dos alunos e por isto a importância do professor e de sua autonomia na construção e reconstrução dessas rotinas, especialmente porque cada aluno é diferente um do outro e as instituições não podem pregar um modelo de rotinas e impô-lo sem levar em conta as diversidades socioculturais existentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização das rotinas na educação infantil é de grande importância para a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, pois as crianças precisam ter hora para aprender, brincar, para cuidados com a higiene pessoal, aprendendo a desenvolver sua autonomia, seguir regras, ter segurança e conforto no espaço da instituição e ensino. Uma rotina bem organizada, não apenas otimiza o tempo, mas auxilia no aprendizado da criança, construindo sua independência, auxiliando-a a crescer com segurança, autonomia e saúde.



Analisando a importância das rotinas para as crianças é preciso citar que elas são importantes para que a criança aprenda, em sua vida adulta a lidar com compromissos, a ter responsabilidades e ser mais disciplinada. Assim, estabelecer uma rotina na educação infantil auxilia tanto a escola como a família a ensinarem o aluno, planejando melhor atividades, dando a mesma confiança, e todas essas rotinas precisam basear-se nas necessidades apresentadas pelas crianças, sejam elas, biológicas, sociais e psicológicas, envolvendo questões como higiene, descanso, alimentação, o brincar, enfim, tipos diferenciados de experiências que permitem o desenvolvimento integral da criança. Assim ousamos em afirmar que o caminho a ser percorrido defendido na pesquisa, inicia-se no processo formativo do professor e na ação e reflexão deste na prática de sala de aula. Percorrer aqui indica movimento, ação e reflexão.

É importante ressaltar que o professor só conseguirá desenvolver um trabalho de qualidade, construir rotinas de acordo com as necessidades infantis se a ele forem dadas condições de desenvolver um trabalho de qualidade, por isto, é preciso investir em infraestrutura, materiais pedagógicos, qualificação docente e dado o suporte necessário ao desenvolvimento das atividades. Assim, a BNCC propõe que as rotinas sejam flexíveis, que adequem-se as necessidades e interesses das crianças, possibilitando assim um melhor desenvolvimento das mesmas, a partir do equilíbrio entre atividades dirigidas e o lúdico.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. S. **Por amor & por força: rotinas na educação infantil**. Tese (Doutorado) – Universidade de Campinas, Campinas, 2006.

BARBOSA, R. F. M. MARTINS, R. L. D. R. MELLO, A. S. A educação infantil na Base Nacional Comum Curricular: avanços e retrocessos. **Revista Movimento de Educação**, Universidade Federal Fluminense, 2019.

BARBOSA, M. C. S. A. **Rotina nas Pedagogias da Educação Infantil: dos binarismos a Complexidade**. Currículo sem Fronteiras, 2006.

BEM, G. M. SOUSA, M. A. S. **Educação infantil à luz dos ensinamentos da Base Nacional Comum Curricular** – BNCC. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** – BNCC, versão aprovada pelo CNE, 2017.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília. DF: Senado, 1988.

CARVALHO, D. M. CARVALHO, T. C. A. **Educação Infantil: história, contemporaneidade e formação de professores**. São Paulo: Atlas, 2010.



FREIRE, Madalena. **Rotina**: Construção do tempo na relação pedagógica. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1998.

FREITAS, E. G. R. **A educação infantil no Brasil: limites e perspectivas**. Trabalho de Conclusão de Curso - Campus Universitário de Castanhal da Universidade Federal. Castanhal, 2019.

GAMBOA, S. S. **Pesquisa em Educação**: métodos e epistemologias. Chapecó: Argos, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

KRAMER, S. O papel social da educação infantil. **Revista Textos do Brasil**, Brasília, 2006.

MELLO, A. S. Educação infantil e a base nacional comum curricular: interfaces com a educação física. **Motrivivência**, Florianópolis, 2016.

PASCHOAL, J. D. MACHADO, M. C. G. A História da Educação Infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, 2009.

RIBEIRO, A. C. S. BATISTA, T. C. **A rotina na educação infantil**. Monografia apresentada à Faculdade Ribeiro e Batista. São Sebastião do Paraíso (MG), 2016.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.